

Corporalidades e socialidades nas experiências e práticas de Yoga em espaços públicos¹

Camila Sissa Antunes (UDESC/Santa Catarina, Brasil)

Palavras-chave: Yoga, espaço público, corporalidades.

Este trabalho procura analisar as articulações entre saúde, espaços públicos e espiritualidade, a partir de um olhar sobre as práticas de yoga no contexto urbano, descrevendo as socialidades e mútuas construções de corpos e de lugares em eventos nos quais dezenas ou centenas de praticantes se reúnem para compartilhar e expressar sua corporalidade, suas crenças e modos de ser e estar no mundo a partir de práticas coletivas de yoga. O espaço público é eleito como lugar privilegiado para estas expressões justamente por ser este cenário de visibilidade e significados, mas que pode, ao mesmo tempo, ser concebido como um espaço inconsistente, instável, fluido, com a característica de estar sempre se estruturando (Delgado, 1999; 2007). Entendemos que sua análise pode ser fundamental na identificação e compreensão das práticas sociais (Certeau, 1994; Castells, 1999). Na análise procuramos compreender o espaço público como um lugar que se faz e se desfaz, território de uma cultura dinâmica e instável, elaborada e reelaborada constantemente pelas práticas e discursos de seus usuários (Delgado, 2007). Assim, o enfoque desta investigação está centrado nas práticas dos sujeitos, em seus usos, suas socialidades e experiências. Assim, para uma aproximação destas problemáticas, deve-se enfatizar os “atores” da cidade (CERTEAU, 1994), como experienciam em seu cotidiano formas relacionais não acabadas e em contínua construção, as quais optamos analisar em termos de socialidades e práticas.

Assim, propomos pensar a experiência de viver na cidade, apropriar-se dos seus espaços, criar movimentos coletivos, intervenções urbanas, observar e criar paisagens, entre outras manifestações, ou práticas cotidianas que Certeau (1994) nos ensinou a considerar na caracterização dos lugares e suas narratividades. A prática de yoga em espaços públicos pode ser analisada como um momento de apropriação significativa por parte dos praticantes de um lugar não usualmente destinado a este fim, ressignificando

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

simultaneamente o território e a prática que se realiza nele – com toda especificidade da visibilidade, coletividade e dinamicidade deste tipo de ocupação do espaço, conforme procuraremos apresentar adiante.

Enquanto prática “globalizada” o Yoga vem passando por um processo de patrimonialização, com sua inclusão nos espaços políticos globais e institucionalizados que a reconhecem e a celebram como expressão e ferramenta transcendental para a busca da paz mundial e da sustentabilidade. O Yoga foi incluído na lista de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO em 2016. As justificativas para tal inclusão ultrapassam a sua importância como uma prática de saúde do corpo físico, incluindo a visão filosófica subjacente à prática, que envolve a busca pela integração do ser. Sendo um sistema holístico indiano de bem-estar pessoal, físico, mental e espiritual focado na unificação de corpo, mente e alma. No sentido literal, a palavra “Yoga” significa união – harmonia entre o corpo e a mente de cada indivíduo e do mundo – e representa uma intenção de fortalecer um estilo de vida holístico e saudável.

Além disso, a partir da sua inclusão como patrimônio imaterial, o discurso político amplia esse aspecto mais individual para o impacto global da prática: “Yoga desperta um senso de unidade e harmonia com o eu, a sociedade e a natureza. Ao mudar nosso estilo de vida e criar consciência, ele pode nos ajudar a lidar com as mudanças climáticas e criar um mundo mais equilibrado”. Esta fala do primeiro ministro indiano Narendra Modi representa a ênfase colocada no Yoga como o legado da Índia para a humanidade, destacando sua potência unificadora (de todos os seres) e de respeito à diversidade e criatividade humanas, uma vez que o Yoga é praticado por todos, independentemente do sexo, idade, status, nacionalidade, cor ou credo. Assim, em um movimento liderado pela própria Índia – berço do Yoga – foi criado em 2015 o dia internacional do Yoga. Desde então, no mundo inteiro, e incluindo o Brasil, este dia é marcado por eventos em espaços públicos, geralmente reunindo muitos praticantes para aulas de Yoga em locais de destaque nos centros urbanos, repercutindo com seu impacto visual e que destoa da rotina destes locais, criando um evento/situação que traz não apenas novas perspectivas sobre este próprio espaço como engendra dinâmicas relacionais, sensoriais e cognitivas que nos interessam analisar. Os corpos dos praticantes sincronizados em posturas e movimentos, os silêncios, os sons, a integração com o ambiente, são alguns dos elementos que serão analisados.

As práticas voltadas para a saúde mental, como o Yoga, cresceram exponencialmente durante a pandemia, e pode ser considerada uma importante ferramenta para melhor lidar com os desafios do isolamento social e todos os problemas decorrente da crise de saúde mundial. O Dia Internacional do Yoga neste ano de 2022 voltou a ser celebrado em eventos públicos e coletivos, depois de ter sido realizado de maneira mais restrita nos anos de 2020 e 2021 devido à pandemia de Covid-19, porém sua expressividade ainda é tímida se comparada aos eventos que nos anos anteriores, reuniu muitos adeptos se reúnem para praticar yoga nos parques e jardins, como no Central Park, em Nova York. Na Índia, as comemorações são muito significativas, chegando a reunir, no ano de 2017 mais de 50 mil pessoas simultaneamente:



Figura 1: 50 mil pessoas participam de prática de yoga em Nova Délhi, Índia, 2017.

Direitos autorais: Press Trust of India

Ocupações por meio da prática de yoga nos espaços públicos terminam por requalificar a paisagem das cidades, são eventos políticos de grande visibilidade que proporcionam a expansão e a divulgação do Yoga no mundo. Esses eventos, alguns promovidos por organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas ou organizações locais (como associações de professores, ONG's ou escolas de Yoga)

mantém entre si a característica de uma intervenção urbana, altera-se o cotidiano, criando uma ocupação transitória porém significativa destes espaços.



Figura 2: Pessoas reúnem-se na Times Square, em Nova York. Solstice in Times Square, 2015.

Pensamos aqui o yoga em termos de construção de corporalidades. Entende-se corpo como estrutura física e vivida, tal como foi proposto por Merleau-Ponty (1996). O corpo nesta perspectiva é o ‘veículo de ser no mundo’ origem de sentidos e significações. É ainda ‘o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações no exterior, dando-lhes um lugar, aquilo que faz com elas passem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos’. O corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura (Csordas, 2008). Maluf (2002) aponta dois movimentos recentes que suscitaram uma abordagem antropológica centrada na dimensão da experiência corporificada. Estes são os estudos feministas em torno do tema do transgênero e os estudos sobre as práticas alternativas. Sobre o segundo fenômeno ela afirma trazer um peso cada vez maior dado a experiência corporificada. E aponta a autora que essas experiências contemporâneas, como nas sociedades ameríndias, estão voltadas para a “fabricação de corpos” que, investidos de agência e subjetividade, também “fabricam cultura” e também pessoas (p. 99).

O Yoga como prática que traz uma visão de integração de corpo, mente e consciência, se revela um campo de análises fortuito para pensar interrelações possíveis, na construção de novas corporalidades, pela nova visão cosmológica própria de corpo que

os sujeitos praticantes passam a ter a partir da sua integração no corpus prático e filosófico do Yoga. Também é uma prática que promove socialidades específicas, focalizando práticas coletivas, que na maioria das vezes, envolvem pelo menos duas pessoas, trocando experiências, conhecimentos e percepções.

Nos interessa identificar os circuitos (Magnani, 1999) do Yoga em espaços públicos, seguindo os atores, a partir dos locais indicados, para outros contextos e experiências. Magnani (1999) ao estudar a conformação de um circuito neoesotérico, que agrega práticas distintas de xamanismo urbano na cidade de São Paulo, afirma que é possível reconhecer esse circuito a partir do compartilhamento de vivências e uma continuidade nos discursos dos grupos. Nossa intenção assim é apresentar uma leitura desses eventos em espaços públicos como contextos que produzem corpos, subjetividades, socialidades e agências, através de práticas, sentidos e discursos (orais, visuais, corporais) dos sujeitos, e para tal são analisados os significados e os circuitos (Magnani, 2014) estabelecidas na experiência da prática de Yoga em espaços públicos.

Este trabalho apresenta alguns resultados preliminares de pesquisa em desenvolvimento que vem acompanhando a dinâmica das práticas de Yoga nos espaços públicos da cidade de Florianópolis, no contexto de um projeto denominado “Conexão Yoga”, um coletivo formado por professores e praticantes de Yoga que se reúnem semanalmente em dois parques da cidade. Assim, se articulam lugares, sujeitos, ambientes, corpos e sentidos múltiplos. O Yoga pode ser entendido como uma prática que envolve a construção de corporalidades e sujeitos, mas também de sujeitos no mundo, transformando seu agir. Aqui, podemos entender o movimento dos sujeitos na direção da escolha e experimentação com o Yoga, um corpo que pratica Yoga, no caminho na construção de um ser yogue como uma decisão do indivíduo muito voltada à sua cura, nos níveis físico, mental e espiritual. Na busca de uma integração consigo mesmo e com o todo. Assim também é para esta pesquisadora, que na tessitura do campo se dedicou a rastrear possibilidades de práticas no espaço público, inicialmente como âmbito de prática pessoal, que somente depois tornou-se objeto de pesquisa. Desta decisão inicial, passou a seguir as redes dos atores, permitindo contemplar a fluidez e os caminhos percorridos pelos sujeitos.

Tavares (2017) ao abordar o conceito de agenciamentos terapêuticos traz uma problematização das bases conceituais em que se assentam as formas do conhecer antropológico. Uma crítica a modelos dicotômicos fundamentados em premissas

coletivizantes versus individualizantes (que, no limite, assentam-se na ruptura entre linguagem e mundo) vem redefinindo o estatuto dos conceitos no âmbito das ciências sociais. Como sugere Strathern (2006), o conhecimento adquire novos contornos, perseguindo não exatamente uma aproximação com o mundo nos moldes do modelo tecnológico de conhecimento cumulativo, mas sim novas possibilidades de experimentação das condições do pensamento. Assim, Tavares propõe um deslocamento das metáforas representacionais para uma pragmática das ontologias ou modos de ser no mundo, levando-nos a uma postura bem mais “cautelosa” diante das nossas possibilidades compreensivas do que costumamos chamar de “alteridades”.

Assim, entendo que na investigação das práticas de yoga na contemporaneidade a partir do argumento de que os modelos ancorados em dicotomias e classificações que apressadamente delimitam conceitos como corpo, sujeito e experiência pouco auxiliam na investigação das mediações mobilizadas nas experimentações corporais e relacionais, como o yoga. Nos motiva pensar uma antropologia interessada nos fluxos e percursos da vida no mundo, como sugere Ingold (2011), para este autor o foco está no presente e nas atividades, conferindo centralidade aos processos perceptivos. Assim também, como sugere Csordas (2008) estabelece-se neste projeto como horizonte de pesquisa a compreensão da experiência “do que significa ser humano”, enquanto “um corpo no mundo”, numa rede de outros corpos, objetos, sensações, lugares. Em suas palavras: “(...) o desafio antropológico não é o de capturar a experiência, mas o de dar acesso à experiência como a significância do significado” (idem, p. 16). Em sentido semelhante ao analisar a prática de caminhada ecológica, Steil e Toniol (2011) a reconhecem como “(...) uma terapia capaz de dar conta dessa concepção holística de corpo, o caminhante traz à tona o ambiente em que caminha – a natureza – como elemento-chave que compõe essa noção de bem estar” (p. 37).

Apesar de sua ampla definição como uma atitude, um sistema filosófico, um conjunto de práticas, um modo de estar no mundo, cada experiência em Yoga se define em especificidades, localizadas dentro contextos históricos particulares, atravessados e adjetivadas por outros marcadores sociais relevantes. Tendo seu surgimento na Índia, o Yoga é considerado a filosofia prática mais antiga do planeta, faz parte do *ethos* indiano, influenciando profundamente as áreas da saúde, medicina, educação e artes daquele país. Atualmente, além disso, se reconhece como uma prática globalizada, adotando nos mais diversos cenários, linguagens, expressões e práticas, particularidades e ênfases

específicas, mas que estão unificadas sob aproximadas bases históricas, filosóficas e cosmológicas. São muitas e diversas as “linhagens” no Yoga, com mestres e estilos diferentes, mas, apesar das diferenças que não cabe aqui assinalar, há uma aproximação de todas elas, através de linguagens, práticas e símbolos comuns, que permitem seu reconhecimento como práticas semelhantes. Por isso, nesse trabalho, a despeito dessa diversidade, trataremos do Yoga como todas essas manifestações que parte de um mesmo corpus teórico, filosófico e prático de tradição milenar.

Assim procuramos analisar o Yoga como uma prática transcultural, como um conjunto complexo de ideias e práticas que partem de seu local de nascimento no subcontinente indiano para se tornarem um fenômeno global. Esse fenômeno será analisado em termos de interculturalidade, na perspectiva de Canclini (2005) que salienta que a interculturalidade remete à confrontação e entrelaçamentos, porque se trata de grupos entrando em relacionamento e intercâmbio, entre os quais a diferença estabelece relações de negociação, conflito e empréstimo recíproco, respeitando as disparidades. Esse movimento se deve à desestabilização das ordens nacionais e étnicas geradas pela nova interdependência que a globalização suscita. Entendo aqui, que o processo de patrimonialização representa ele próprio uma característica da globalização, através da qual as fronteiras ideológicas e culturais se desvanecem e incrementam a junção de culturas com um desenho particular. A interculturalidade nos permite tornar mais complexas as situações, dentre as quais as teorias da diferença têm que se articular com as concepções da interculturalidade, entendendo interação como desigual, conexão/desconexão, inclusão/exclusão. A política da diferença traz um equilíbrio interpretativo na interculturalidade. O autor menciona uma passagem do multicultural ao intercultural e o descreve: “[...] a passagem que estamos registrando é de identidades culturais mais ou menos autocontidas a processos de interação, confrontação e negociação entre sistemas socioculturais diversos” (Canclini, 2005, p. 40).

De maneira complementar, Siegel (2010) situa o yoga como uma forma de capital cultural ou simbólica: “(...) na produção de valores, símbolos sagrados, realizações internas, ensinamentos e técnicas de aperfeiçoamento do físico, emocional, intelectual e espiritual. O capital cultural dentro do campo do yoga seria o conhecimento do yoga e a legitimidade do status do instrutor yogue” (p. 10).

Segundo Sarah Strauss (2008) o Yoga contemporâneo realiza um diálogo entre ciência e secularização, e diferentemente dos yogues clássicos que necessitavam

isolamento social para se dedicar ao seu aprendizado e busca espiritual, os yogues modernos se globalizam e adquirem um posicionamento político de difusão da prática para o mundo, e essa mudança, segundo Sarah Strauss (2008) configura uma das características mais marcantes do Yoga que se conhece atualmente.

Ao processo de entrada das sabedorias Orientais no Ocidente, o antropólogo Colin Campbell fala em uma orientalização do ocidente, ele questiona: “The Yoganization of the West?” (2007), contrapondo a globalização dos valores ocidentais. Segundo este autor, esse movimento representa uma mudança de pensamento, de paradigma (que se expressa, por exemplo, em uma espiritualidade que conecta o homem à natureza) e apesar de não ser tão forte quanto a globalização dos valores e produtos ocidentais, a orientalização não se dá por estratégias de dominação como acontece na maioria das vezes na ocidentalização (2007, p. 35-36).

Assim, nos interessa compreender essa passagem de uma sacralidade centralizada e transcendente, para uma espiritualidade mais difusa, e que no caso do Yoga tem no corpo a sua realização privilegiada, o encontro e a unificação do Ser unitário com o Ser universal (que existe dentro de cada um). Acessar essas experiências significa considerar as socialidades nos contextos das práticas de Yoga em espaços públicos, que são pensadas a partir de Strathern (2006) que concebe que as socialidades se dão nas relações, não tem forma definitiva, finalidade ou significado, são as relações em si.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ALTER, Joseph. Gandhi's Body: Sex, Diet and the Politics of Nationalism. University of Pennsylvania Press. 2000.

CAMPBELL, Colin. Orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma novateodicéia para um novo milênio. In: Religião e Sociedade 18/1, Rio de Janeiro, agosto de 1997.

CSORDAS, Thomas. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. Ethos, 1990.

_____. Embodiment as Experience. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. Corpo/Significado/Cura. Tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca; Revisão técnica de Carlos Alberto Steil e Luis Felipe Rosado Murillo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DELGADO, Manuel. Sociedades movedizas. Pasos hacia una antropología de las calles. Barcelona: Anagrama, 2007.

DELGADO, Manuel. El animal público. Hacia una antropología de los espacios urbanos. Barcelona: Anagrama, 1999.

CASTELLS, Manuel. Problemas de investigación en sociología urbana. Madrid: Siglo XXI, 1979.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 10ª ed. 1994.

MAFFESOLI, Michel. Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações. Ciências Sociais Unisinos 43(1):97-102, janeiro/abril 2007.

MAGNANI, J. Guilherme. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol, 17, nº 49, junho/2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Circuito Neo-esotérico na Cidade de São Paulo. In: CAROZZI, Maria Julia (org.). A Nova Era no Mercosul. Petrópolis: 155 Vozes, 1999.

MAGNANI, José Guilherme C. Mystica Urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade. São Paulo, Studio Nobel. 1999.

SIEGEL, P. Yoga e Saúde: o desafio da introdução de uma prática não-convencional no SUS. Campinas: Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, 2010.

SANCHES, Raphael Lugo. Curar o corpo, salvar a alma: as representações do yoga no Brasil. / Raphael Lugo Sanches. – Dourados, MS : Dissertação de Mestrado em História, UFGD, 2014.

STRAUSS, Sarah. Re-Orienting Yoga: Transnational Flows from na Indian Center, Dissertação de Doutorado em Antropologia, Universidade da Pensilvânia, EUA, 1997.

STRATHERN, Marilyn. O Gênero da Dádiva. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade Melanésia. Campinas, Editora Unicamp, 2006.